

## ANIMISMO AFRICANO COMO ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA DECOLONIAL NO ROMANCE A LOUCA DE SERRANO, DE DINA SALÚSTIO

Francisca Patrícia Pompeu Brasil<sup>1</sup>

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMINAS)

 <https://orcid.org/0000-0003-0070-8845>

E-mail: pbrasil\_1@hotmail.com

### RESUMO:

No subcapítulo intitulado “Narrativa e Resistência”, de sua obra *Literatura e Resistência*, Alfredo Bosi (2002) esclarece que “resistência”, sendo um conceito ético, não deve, *a priori*, relacionar-se à estética, uma vez que esta se origina de potências de conhecimento, que seriam: a intuição, a imaginação, a percepção e a memória. Não obstante, esclarece o autor, diferente do que se pensa, resistência e estética interagem nas produções literárias de forma consistente e recorrente. A resistência a determinados valores institucionalizados se conjuga à narrativa a partir de duas formas de realização: como tema e como forma inerente à escrita. Nesse sentido, propomos analisar o modo pelo qual o animismo africano se manifesta no romance *A Louca de Serrano*, da escritora cabo-verdiana Dina Salústio. Nosso interesse é destacar diferenças entre a perspectiva animista apresentada em textos literários e o discurso cartesiano, no que tange às propostas de interação entre seres humanos e meio ambiente. Segundo a visão animista, posições dicotômicas/excludentes devem ser rechaçadas e substituídas por posturas mais harmoniosas e agregadoras. Desse modo, é possível inferir que ideias fundantes do inconsciente animista, relacionadas ao compartilhamento da força vital por todos os seres, humanos e não humanos, apontam para a urgente necessidade de se repensar os modos como nos relacionamos com a natureza; e também para importância de se considerar a proposta da Existência-em-Relação como uma opção válida de acesso a conhecimentos para formação ética ambiental. A obra selecionada para análise enquadra-se no linha do Realismo Animista africano, destarte, com o intuito de fazermos uma abordagem suficiente e adequada do tema, elegemos, como principais fontes de consulta, os seguintes textos: *Literatura e Resistência*, de Alfredo Bosi (2002); “Metamorfoses decoloniais: o inconsciente animista e transmutações como cosmovisão nas Literaturas Africanas”, de Silvio Ruiz Paradiso (2024); e “Reflexões provisórias sobre animismo, modernismo/colonialismo e a ordem africana do conhecimento”, de Harry Garuba (2018).

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura; Resistência; Animismo Africano; Ética ambiental.

## AFRICAN ANIMISM AS A STRATEGY OF DECOLONIAL RESISTANCE IN THE NOVEL A LOUCA DE SERRANO, BY DINA SALÚSTIO

### ABSTRACT:

In the subchapter entitled “Narrative and Resistance”, from his work *Literature and Resistance*, Alfredo Bosi (2002) clarifies that “resistance”, being an ethical concept, should not, *a priori*, be related to aesthetics, as this originates from effects of knowledge, which would be: intuition, imagination, perception and memory. However, the author explains, contrary to popular belief, resistance and aesthetics interact in literary productions in a consistent and recurring way. Resistance to certain institutionalized values combines with narrative in two ways: as a theme and as an inherent form of writing. In this sense, we propose to analyze the way in which African animism manifests itself in the novel *A Louca de Serrano*, by Cape Verdean writer Dina Salústio. Our interest is to highlight the differences between the animistic perspective and the Cartesian discourse, with regard to proposals for interaction between human beings and the environment. According to the animist view, dichotomous/exclusive positions must be rejected and replaced by more harmonious and aggregating positions. In this way, it is possible to infer that the founding ideas of the animist unconscious, related to the sharing of vital force by all beings, human and non-human, point to the urgent need to rethink the ways in which we relate to nature; and also the importance of considering the proposal of “living in relationship” as a valid option for accessing relevant knowledge for training in environmental ethics. The work selected for analysis falls within the line of African Animist Realism, therefore, to provide a sufficient and appropriate approach to the topic, we chose, as main sources of consultation, the following texts: *Literature and Resistance*, by Alfredo Bosi (2002); “Decolonial metamorphoses: the animist unconscious and transmutations as a worldview in African literature”, by Silvio Ruiz Paradiso (2024); and “Provisional reflections on animism, modernism/colonialism and the African order of knowledge”, by Harry Garuba (2018).

**KEYWORDS:** Literature; Resistance; African Animism; Environmental ethics.

<sup>1</sup>Doutorando(a) em Letras na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMINAS), Belo Horizonte – MG, Brasil.  
Bolsista CAPES/PDSE na Universidade de Lisboa (ULISBOA), Lisboa, Portugal.



## Introdução

Alfredo Bosi, em sua obra *Literatura e Resistência* (2002), explica que a resistência, por ser um conceito ético, não deve, presumivelmente, relacionar-se ao estético. O autor explica que a arte não nasce da força de vontade, como ocorre com a resistência, mas de potências cognitivas, a saber, a intuição, a imaginação, a percepção e a memória. Não obstante, por serem as obras literárias um espaço propício de problematização e contestação de ideologias dominantes, a resistência opera, de forma significativa, em muitas dessas obras:

No entanto, como sempre acontece, no fazer concreto e multiplamente determinado da existência pessoal, fios subterrâneos poderosos amarram as pulsões e os signos, os desejos e as imagens, os projetos políticos e as teorias, as ações e os conceitos. Mais do que um acaso de combinações, essa interação é a garantia da vitalidade mesma das esferas artística e teórica. (Bosi, 2002, p. 119).

Exemplos de relação entre escrita e resistência podem ser identificados em produções da chamada literatura pós-colonial, composta por textos híbridos, produzidos por escritoras e escritores que buscam trabalhar as influências de culturas diversas de forma criativa - recriando, mesclando e redefinindo formas e temas, a fim de resgatarem a ancestralidade e produzirem obras mais condizentes às realidades de seus espaços.

Gênero originariamente europeu, o romance tornou-se, nos espaços africanos, um instrumento de resistência aos valores ocidentais impostos durante o processo de colonização. Importa destacar que, em diversos romances africanos, a resistência se realiza tanto na temática abordada, quanto na forma como os textos são construídos.

Bosi destaca que os valores e os antivalores são a força catalisadora da vida em sociedade, e que os escritores, como parte do “tecido vivo” de qualquer cultura, propõem-se a trabalhar tais valores a partir de estratégias distintas daquelas adotadas pelos homens de ação, educadores e políticos. O fato de o homem de ação estar comprometido com a realidade impõe algumas barreiras à sua escrita, uma vez que, para abordar valores e antivalores, ele precisa ter uma percepção ética dos fatos e das intenções dos sujeitos neles envolvidos, devendo, desse modo, evitar percepções demasiadamente subjetivas. Em contrapartida, para o poeta e/ou romancista, as possibilidades são bem mais abrangentes, uma vez que: “Ele dispõe de um espaço amplo de liberdade inventiva. A escrita trabalha não só com a memória das coisas realmente acontecidas, mas com todo o reino do possível e do imaginável. O narrador cria, *segundo o seu desejo*, representações do bem, representações do mal ou representações ambivalentes.” (Bosi, 2002, p. 121 - grifos do autor).

As respostas estéticas dos romancistas africanos ao colonialismo Ocidental apresentam-se através de estratégias textuais diversas, pelas quais buscam valorizar os mitos originários, denunciar explorações e propor “devires” a partir da construção de valores mais autênticos, enfim, trata-se de uma escrita marcada por vozes de resistência que trazem à luz as temporalidades e opressões constituintes das histórias africanas. É seguro afirmar que o interesse desses autores é apontar caminhos outros que legitimem seus conhecimentos, libertando-os do silenciamento histórico. Nesse sentido, merecem destaque as obras inseridas no chamado Realismo Animista Africano, isso porque, segundo explica a estudiosa Eni Rodrigues, o animismo africano deve ser entendido como uma perspectiva outra, em que se identifica uma abertura de espaço para as vozes até então silenciadas:

A linguagem busca refletir a subjetividade em relação a uma realidade de que fazem parte formas diversas, inclusive estéticas, de abarcar os significados de vida desses sujeitos. Todo sujeito está inscrito na contemporaneidade, pois segundo Garuba (2014) todos os povos têm conhecimentos adquiridos ao longo do tempo. Muitas vezes esses

conhecimentos mostram-se diferentes dos legitimados pelo ocidente, e nem por isso podem ser considerados desatualizados ou retrógrados, já que suas contribuições são válidas para se entender um tipo de pensamento que se construiria fora dos paradigmas europeus. Nesse sentido, vale acrescentar que a postura animista perante a vida é mais uma visão de mundo, é uma busca de inscrição no conhecimento da humanidade, segundo Garuba (2014). (Rodrigues, 2018, p. 29).

Estratégias discursivas de resistência às ideologias coloniais operam em textos literários africanos pós-coloniais de forma criativa e consistente, isso porque, seus autores e autoras optam por fazer uma abordagem mais autêntica dos seus espaços, sem se limitarem ou se moldarem a formatos pré-estabelecidos. Desse modo, entende-se que a cosmovisão animista deve ser considerada como um “caminho outro” para se alcançar o conhecimento, constituindo-se desse modo como um meio de resistência às imposições coloniais.

Destarte, o objetivo de nossa pesquisa é destacar diferenças entre a perspectiva animista literária e o discurso cartesiano, no que tange às propostas de interação entre seres humanos e meio ambiente. Seleccionamos para nossas análises o romance *A Louca de Serrano*, da escritora cabo-verdiana Dina Salústio. Com o propósito de identificar como a resistência se constrói nesse romance, serão analisadas três estratégias textuais: a construção de símbolos do feminino, o uso da ironia e humor, e a interação entre espaço e personagens. No que diz respeito à abordagem temática, serão considerados os valores “liberdade” e “regeneração”; e os seus respectivos antivalores “opressão” e “degradação”.

Entendemos ser a perspectiva animista e o conceito de “Viver-em-Relação” formas de resistência à degradação ambiental e à exploração humana, uma vez que, de acordo com essas propostas, posições dicotômicas/excludentes devem ser rechaçadas e substituídas por posturas mais harmoniosas e agregadoras.

Em nossas análises, serão considerados os conceitos de Força Vital e o de Existência-em-Relação os quais são fundamentais para a compreensão do modo como o inconsciente animista opera nas sociedades africanas. Nosso interesse é mostrar que o romance *A Louca de Serrano* funciona como um alerta da urgente necessidade de se repensar os modos como nos relacionamos com a natureza. Destacamos ainda que o romance propõe um olhar ambiental ético, baseado na ideia de que a Terra, para continuar existindo, precisa ser considerada como um ser vivente, com limites e necessidades a serem respeitados.

## 1. Animismo africano no romance *A Louca de Serrano*, de Dina Salústio

Nascida na Ilha de Santo Antão, Cabo Verde, em 1941, Dina Salústio é jornalista, professora, assistente social, prosadora e poeta. Foi também uma das fundadoras da Associação dos Escritores de Cabo Verde. Como autora, produziu um importante e destacado estudo sobre a violência contra as mulheres e, no ano de 1998, publicou a obra *A Louca de Serrano*, considerada o primeiro romance de autoria feminina em Cabo Verde. Sobre essa obra, a pesquisadora Roberta Alves declara:

*A Louca de Serrano*, de Dina Salústio, recorre a retratos de várias mulheres cujas existências são permeadas pela presença intermitente do desconforto causado pela pobreza, pela solidão e abandono. A aldeia ficcional retratada no romance, configura-se como zona de contato entre os espaços, culturas e discursos, a partir dos relatos de vida de seus habitantes e daqueles que por lá circulam. Tudo isso refletido na narrativa que, alternando entre o cômico e o trágico, nos impede, muitas vezes, de separar o real da ficção, fantasia e a loucura. (Alves, s/d, p. 15).

O romance é narrado em terceira pessoa, por uma voz onisciente e onipresente. O enredo gira em torno das histórias das mulheres de Serrano – cidade fictícia, cercada de mistérios, onde se desenrolam acontecimentos ora triviais, ora fantásticos. A voz narrativa inicia seu texto apresentando o espaço e uma das personagens mais místicas da cidade: a parteira. Já então se reconhece a linguagem inovadora de Salústio, que descreve os acontecimentos de forma minuciosa e mostra um olhar sensível sobre os diversos elementos – olhar que não se limita a observar as ações, pois busca ir além dos fatos corriqueiros. A título de exemplificação, destacamos uma passagem em que a presença de elementos sobrenaturais, relacionados à natureza, são usados para descrever o corpo feminino: “[...] aturdida demais para avaliar a fabulosa dança dos seus braços com o ar, das suas pernas com os pedaços de nuvens espalhados à volta, ou dos seus cabelos com a terra intensa e recentemente orvalhada.” (Salústio, 1998, p. 9).

O romance faz parte da literatura Pós-Colonial e insere-se na linha do Realismo Animista Africano. Acerca do Realismo Animista Africano, é interessante observar o que diz o pesquisador Silvio Ruiz Paradiso, em seu artigo “O realismo animista e as literaturas africanas: gênese e percursos”, no qual afirma que, ao adotarem, em suas obras, a perspectiva animista, os escritores africanos propõem-se a apresentar o ponto de vista que o “outro” tem da realidade, ou seja, a percepção africana da própria história – a qual se opõe àquela apresentada pelos discursos oficiais. Ao analisar a presença do sobrenatural, no romance *O reino deste mundo*, de Alejo Carpentier, Paradiso destaca que:

A narrativa da revolta dos escravos no Haiti, no fim do século XVIII, tem sua estória a partir do ponto de vista dos escravos, ou seja, dos colonizados, e por isso, a percepção da realidade do “outro” e não do “Outro” fica evidente, na perspectiva da própria história, suas particularidades de crenças religiosas, na participação dos deuses africanos e forças sobrenaturais no enredo. O texto de Carpentier é um resgate da história não-oficial, em oposição à história hegemônica escrita pelo mundo eurocidental. (Paradiso, 2020, p. 100).

Ao abordar questões acerca do inconsciente animista africano, o pesquisador Harry Garuba esclarece que a estrutura colonizadora se apoia na ideia de evolução e modernidade para desqualificar visões de mundo que não se encaixam nos modelos construídos pela lógica ocidental, assegurando, desse modo, a permanência da hegemonia epistemológica. Garuba propõe então a seguinte questão: “Poderia uma visão de mundo animista propiciar uma ordem de conhecimento que nos permitisse pensar fora e além disso?” (Garuba, 2018, p. 125). Ora, “pensar fora e além disso” é interesse de autoras e autores inseridos na chamada literatura pós-colonial. Sendo assim, é seguro afirmar que, ao fazer uso do animismo em seu romance, Dina Salústio lança mão de um procedimento que se configura como uma forma de resistência aos discursos hegemônicos ocidentais.

No que concerne à resistência das personagens salustianas às imposições de modelos pré-definidos de feminilidade, destaca-se um símbolo construído a partir do conceito de Anima/Força Vital, e que se apresenta como uma representação de potência feminina. Trata-se da Montanha – entidade que se constitui não apenas como parte do cenário de Serrano, mas como uma guardiã da aldeia. Reconhece-se a percepção animista africana na forma como essa entidade não humana é apresentada pela voz narrativa do romance:

Um dia, a jovem louca sentindo-se perseguida por uns garotos que a apedrejavam e não tendo como se defender parou no meio do largo e, olhando para a montanha, gritou que Serrano não tinha sangue. Mal completou a frase a terra tremeu tão forte que por pouco a aldeia não perdia as raízes. Contava-se que as entranhas que estiveram visíveis por algumas horas não eram espetáculo que alguém vivo quisesse ver duas vezes, e felizmente, dizia-se, um novo tremor recolocou-as nos devidos lugares, para sossego da jovem que nunca mais foi fisicamente agredida por ninguém. (Salústio, 1998, p. 15).

### Elemento sagrado, essa entidade é reverenciada e temida pelos habitantes de Serrano:

A Louca de Serrano, conhecedora destes medos, em dias especiais que não se conseguiu localizar nem atribuir uma identidade, gritava que a montanha preparava-se para engolir a aldeia por que não suportava mais a sua burrice. Os aldeãos fingiam não dar ouvidos à jovem desorientada, mas mal se afastava, corriam a acender tochas e fogueiras, ou sacrificavam uma cabra ou um galo, e em tempo de mais desespero, um ou outro gato que atiravam pelas crateras ameaçadoras, procurando acalmar os espíritos e sossegar aquele corpo disforme, de apetites inimagináveis. (Salústio, 1998, p. 56).

É seguro afirmar que a caracterização feita da Montanha, no contexto da obra salustiana, autoriza-nos uma análise ecofeminista, uma vez que a relação mulher/natureza se apresenta como uma forma de resistência ao poder patriarcal. Além da montanha/terra, a água também é apresentada como um elemento dotado de Força Vital, e representativo da potência feminina. Tais interações se comprovam na forma como o ambiente interage com a população de Serrano. A título de exemplificação, citamos a passagem em que a personagem Gremiana, ao se revoltar contra os homens da cidade e expor a todos as violências por eles cometidas, é perseguida e jogada no rio. Após o crime, a natureza se manifesta, causando grande temor na população.

A Louca de Serrano contou, no meio de um silêncio amarfanhado, que no fim daquele dia mau, quando Gremiana desapareceu de vez no meio das águas e das pedras que lhe massacraram o corpo alto e forte, o céu abriu-se, a ribeira correu vermelha, o vento assoprou violento e homens e mulheres foram obrigados a esconder-se do agudo da voz ferida que vinda nas ondas pregava-se às margens e aos campos em volta e repetia-se em eco na montanha. (Salústio, 1998, p. 73).

Também é importante destacar a construção de uma represa a qual, pressionada pelas forças das águas, arrebenta, causando mortes e a destruição da cidade de Serrano. O que se observa na passagem é a forte ligação entre mulher (Gremiana) e natureza (rio), que atuam conjuntamente a fim de se vingarem dos crimes cometidos pelos serranenses.

Não foram apuradas as causas e qualquer erro técnico foi posto de lado, tal a concentração de sábios que assessoraram a construção. Os muros da barragem rebentaram, com um estrondo imenso que se ouviu na aldeia próxima, as águas invadiram o vale, e os velhos e as velhas mais velhas, e outras gentes não assim tão velhas, os que não tinham podido ou querido abandonar Serrano foram arrastados pela corrente. Ouviam-se os seus gritos e lamentações a meio da tarde, por acaso tranqüila, e viu-se as suas cabeças a chocarem umas contra as outras, absolutamente sós, todos eles gritando e procurando segurar-se a qualquer coisa, uma pedra que fosse; mas até as pedras da ribeira pareciam que os recusavam no momento final, abandonando-os à lembrança da morte que Gremiana tinha morrido. (Salústio, 1998, p. 191-192).

Neste ponto da discussão, vale apresentar uma breve nota acerca das formas indiretas de metamorfoses, citadas por Silvio Ruiz Paradiso, em seu texto “Metamorfoses decoloniais: o inconsciente animista e transmutações como cosmovisão nas literaturas africanas”. Segundo explica o estudioso, essas formas se realizam esteticamente nos textos a partir de relações semânticas e vocabulares constituintes de metáforas e comparações. Para Paradiso, o desejo da transmutação, no imaginário animista africano da literatura pós-colonial, aponta para a fragmentação identitária dos povos colonizados - causa relevante de adoecimento psíquico; e para o desejo que esses povos têm de resgatarem sua identidade. Desse modo, o “devir”, ou ainda o “vir a ser”, apresenta-se como a possibilidade de transformação da condição de subalternidade em que se encontram os colonizados.

Tais fenômenos também se reproduzem esteticamente. Em relações semânticas e lexicais, com uso de comparação e metáfora, de uma perspectiva de escrita que visa romper barreiras eurocêntricas entre sujeito humanos e a natureza-mundo, revalidando mitologias e imaginários religiosos subalternos, ao mesmo tempo que denuncia a fragmentação psico-identitária de povos violentados pelo colonialismo. E é nessa grande metáfora que textos africanos apresentam as várias facetas da “transformação”, usando-a como paradigma de uma linguagem literária própria. A imagem da metamorfose na literatura africana resgata no texto o mito (no seu sentido de narrativa simbólica de um imaginário religioso, neste contexto, animista), atualizando-o. (Paradiso, 2024, p. 20).

Nesse sentido, é possível interpretar as simbologias constituídas a partir dos pontos de contato entre a mulher/terra, e mulher/água como resultantes desse processo, uma vez que se reconhece o desejo que as personagens têm de se “transmutarem”, a fim de se libertarem das opressões geradas pelas hierarquias do capitalismo patriarcal.

Ao trazermos as considerações de Paradiso para as nossas análises, é possível interpretar as comparações e metáforas que relacionam a mulher ao rio e à terra como símbolos do desejo que as personagens têm de se libertarem das opressões. Salústio propõe, desse modo, uma conscientização social acerca da necessidade de visibilizar as dificuldades enfrentadas pelas mulheres africanas; e de viabilizar instrumentais para o restabelecimento psíquico e emocional dessas mulheres.

Há no romance um outro elemento que se constitui a partir da percepção animista do compartilhamento da Força Vital por todos os seres. Trata-se da porta da casa da parteira - elemento com características sobrenaturais que tem o estranho poder de aumentar e diminuir de tamanho: “Mas a denúncia dessas desconfianças não passava de tímida incursão no mundo secreto da dona da única porta mágica do povoado e arredores que parecia alargar quando as dimensões do corpo que entrava ou saía o exigiam, ou quando ela assim decidia.” (Salústio, 1998, p. 14). Curiosa é a morte da antiga parteira, que se dá “por acidente devido ao fato de ter ficado presa entre a porta de mais de três metros de altura por setenta e um centímetros de largura.” (Salústio, 1998, p. 101).

O fato de não mais caber em determinadas medidas aponta para a transcendência de uma mulher que está situada entre dois mundos: o natural e o sobrenatural. O estudioso francês Jean Chevalier, explica que a porta simboliza a passagem de um estado a outro, ou seja, representa mudança e transformação:

A porta simboliza o lugar de passagem entre dois mundos, entre o conhecido e o desconhecido, a luz e as trevas, o tesouro e a necessidade. A porta se abre para um mistério. Mas tem um valor psicológico dinâmico; porque não apenas indica um passo, mas convida você a segui-lo. É o convite para viajar para um além... A porta é a abertura que permite a entrada e a saída e, portanto, a possível - embora única - passagem de um domínio a outro: geralmente, no sentido simbólico, do domínio profano para o domínio sagrado. Assim os pórticos das catedrais os toranas hindus as portas dos templos ou cidades Khmer os torii japoneses, etc. (Chevalier, 1986, p. 855).

Sendo assim, é válido concluir que a morte da personagem também serve para ilustrar os perigos de não se ajustar a um mundo pré-determinado, ou ainda, os perigos de ceder à *húbris* feminina, que leva a mulher a “atravessar a porta” e ir além. Vê-se que as construções animistas na obra salustiana estão, em muitos sentidos, relacionadas à resistência feminina às normas sociais e culturais impostas pelos colonizadores e pelas tradições autóctones. Mas, é necessário destacar que há também o aspecto de crítica e denúncia acerca da chegada da modernidade e dos perigos que os homens das ciências representam. O animismo é assim usado como um meio de revelar as tensões existentes entre tradição e modernidade, passado e futuro, natureza e cultura.

## 2. Ética ambiental e animismo africano no romance *A Louca de Serrano*

O pesquisador Achille Mbembe afirma que “A Terra só poderá aceder à duração ilimitada se for fecunda e capaz de se regenerar. Fecundidade e regeneração que, por sua vez, só serão possíveis se se constituírem reservas.” (Mbembe, 2024, p. 27). Ou seja, para continuar existindo, o planeta precisa ter recursos para se renovar. O fato é que, nos últimos tempos, a degradação ambiental vem atingindo patamares alarmantes. Isso pode ser observado pelos sinais emitidos pela natureza, os quais se revelam como uma ameaça real à sobrevivência das espécies. Daí a necessidade de se buscar meios de promover a conscientização coletiva acerca dos males causados pelo uso excessivo e inconsequente dos recursos naturais. Consequentemente, faz-se necessária a busca por novas formas de relação entre homem e meio ambiente.

Mbembe relaciona o conceito do “devir” a questões ligadas ao futuro do planeta e à necessidade de se buscar meios que possibilitem o restabelecimento do equilíbrio natural ameaçado. O estudioso observa que as meditações dos ancestrais africanos apresentam-se como uma possibilidade a ser considerada para reversão desse quadro: “Porque se há um enigma que a maior parte dos mitos e saberes ancestrais se esforça por resolver é o de saber como passar de uma forma para outra, e, no processo, voltar a dar vida ao que está ameaçado pela morte.” (Mbembe, 2024, p. 28).

Sobre o cuidado necessário ao processo de renovação da Terra, há, no romance salustiano, um trecho de interesse. Trata-se da passagem em que a voz narrativa descreve a relação do protagonista Jerónimo com um determinado “pedaço de chão”, o qual lhe exigia grande esforço e dedicação e pelo qual nutria profundo desejo e interesse.

Não era um chão fácil. Dava luta, criava desânimo, encorajava o abandono, mas quando se lhe pegava o jeito tudo era de uma simplicidade tão grande que mais parecia uma hortinha do que um campo ruim. O importante era ir até ao fundo para lhe colher a riqueza. À superfície era como qualquer outra, mas se não fosse bem trabalhada, nem um só grão germinava. (Salústio, 1998, p. 67).

Observa-se que a maneira como esse “pedaço de chão” é caracterizado faz remissão ao feminino, à sexualidade, à reprodução e à necessidade de cuidado e atenção. Desse modo, entendemos que a terra se apresenta como uma metáfora do feminino, que simboliza a necessidade de “boa rega”, pois, quando revitalizada, torna-se capaz de gerar bons frutos, com os quais irá nutrir o mundo e torná-lo um espaço mais acolhedor.

A relação entre mulher e natureza, construída a partir da ideia de seres oprimidos e reificados pelo sistema capitalista patriarcal, funciona como uma estratégia de denúncia à dominação masculina. Acerca dessa questão, lê-se no romance uma passagem em que a natureza compartilha da revolta das mulheres de Serrano, as quais, pelo medo da violência, silenciam diante de um crime brutal, decorrente da misoginia masculina:

A seguir ao crime, perdida a violência que os tornava viris, os homens pareciam ratos encouchados, enquanto as mulheres rezavam, não podendo fazer mais, não querendo fazer algo. Nunca mais se falou no nome da jovem, fosse noite pesada ou dia aberto, salvo quando a ribeira corria mais forte, com desespero, se se pode assim dizer e a terra parecia rebentar por todos os lados. Nessas ocasiões ouvia-se rumores em voz sumida, pensamento só, que no grito das águas que furava o ar era o grito da rebelada que se ouvia. (Salústio, 1998, p. 73).

Segundo Alfredo Bosi, o tratamento dos valores e de seus respectivos antivalores é o que promove a translação da esfera ética para a esfera estética na construção do texto literário. O estudioso observa que tal tratamento se dá através dos temas abordados e da forma imanente da

escrita. Tal processo pode ser observado através das construções sintáticas, da seleção vocabular, das estratégias discursivas adotadas, da forma como os personagens são caracterizados, etc.:

Valores e antivalores não existem no abstrato, isto é, absolutamente. Tem todos, para cada um de nós, e de modo intenso para o artista, uma fisionomia. Os poetas os captam e os exprimem mediante imagens, timbres de vozes, gestos, formas portadoras de sentimentos que experimentamos em nós ou presentimos no outro. Bosi, 2002, p. 120).

Sobre as marcas de resistência formais do romance *A Louca de Serrano*, importa-nos destacar algumas passagens em que a voz narrativa, através da ironia e do humor, problematiza a chegada de “homens da ciência” à pequena, bela e selvagem cidade de Serrano.

Tinha sido apenas algumas gerações atrás, num dia descascado, com o sol a meio do céu, em inclinação estranhamente ameaçadora, que apareceram no povoado cinco homens, todos de chapéu, carregados de óculos, binóculos, papel, lápis e pastas e outros instrumentos raros, cuja intervenção inoportuna, segundo se veio a saber, teria levado ao registro do lugar. (Salústio, 1998, p. 16).

Reconhece-se, no trecho apresentado uma estratégia textual de resistência que se realiza a partir da analogia entre o espaço e a situação narrada, ou seja, a natureza compartilha das impressões dos habitantes acerca do perigo que representa a chegada de estrangeiros àquele local. Vale destacar o uso da expressão “intervenção inoportuna”, que caracteriza a chegada dos estrangeiros como uma intromissão forçada, que perturba e ameaça a ordem social do lugarejo. A importância desse trecho está no fato de trazer à cena uma das principais dicotomias constituintes dos discursos coloniais: tradição *versus* modernidade/ciência, sendo que a primeira faz referência às sociedades primitivas, e a segunda às sociedades civilizadas. Dessa forma, é possível reconhecer, na passagem, o uso de metáforas representativas das missões portuguesas aos territórios africanos:

Com os acontecimentos que envolveram a chegada do grupo de funcionários da cidade, os camponeses não se lembraram de perguntar o motivo da sua presença e só duzentos anos mais tarde quando voltou nova missão, desta vez com forte protecção militar, ficaram a saber que aquele local tinha sido destinado a obras de importância vital para o desenvolvimento da zona e para a segurança do país. (Salústio, 1998, 20).

Durante o batismo da cidade, identificam-se, em diversos momentos, críticas direcionadas ao cientificismo e aos saberes formais valorizados pela cultura eurocêntrica. Vemos isso na descrição que a voz narrativa faz dos visitantes: “Cinco homens, todos de chapéu, carregados de óculos, binóculos, papel, lápis e pastas e outros instrumentos raros.” E na forma como suas ações são narradas: a partir de construções hiperbólicas, cômicas e insólitas, que desqualificam e ridicularizam os “guardiões” dos saberes formais:

Depois de algum tempo em que mediram e tornaram a medir o imenso espaço à volta, em comprimento, largura e fundura, depois de terem trocado entre si complicadíssimos cálculos e de terem limpo vezes incontáveis a água que o seu sangue rejeitava, o que fez com que em menos de meia hora, sob os olhares atônitos dos camponeses, tivessem emagrecido vários quilos, dignaram-se reparar no grupo, engolindo por momentos a humilhação de serem obrigados a forçar a garganta a respirar, o que os colocava em posição de inferioridade, como comentou um deles, em tom enxofrado, entre três ataques de tosse fraccionada. (Salústio, 1998, p. 16).

Na sequência, o chefe do grupo, após fazer diversas “somas e multiplicações”, deseja saber o nome do lugar. Sem receber uma resposta imediata, ele torna a perguntar. A insistência do visitante causa embaraço e ira nos moradores: “A essa segunda forma de entabular os contactos não devia ser de todo alheios a atitude irada dos camponeses apanhados de surpresa pela questão

sobre o nome da sua terra [...]” (Salústio, 1998, p. 17). Em seguida, a voz narrativa faz referência aos saberes da tradição, destacando a importância desses saberes para a compreensão humana, o que aponta, novamente, para a relação dicotômica entre tradição e ciência:

Alguém mais estudado nas ciências de adivinhar a alma e o pensamento dos outros que não os naturais de determinadas zonas e regiões sobejamente conhecidas, teria percebido certa agonia nos olhos e pernas de todos quantos ouviram a insolente questão e que, apressadamente, se acercaram mais da parteira que se encontrava encostada, ou melhor cosida a uma jovem alta e forte, autêntica coluna de pedra que não se mexia para nenhum lado, nem mesmo para enxotar três abelhas que resolveram sacaneá-la diante dos desconhecidos. (Salústio, 1998, p. 18).

Através do uso da ironia e do humor, a voz narrativa desabona a atitude dos visitantes que desejam dar um nome ao lugar, e mostra a cômica inadaptação dos homens da ciência a um ambiente que se apresenta rude e pouco hospitaleiro:

Passados alguns segundos de interrogação íntima, sem interromper a luta com os mosquitos que o elegeram doador oficial de sangue para a continuação da espécie mosquiteira do local, o estrangeiro voltou-se para a velha-velha e colocou de novo a pergunta, em tom que não sendo receoso, mostrava contudo sinais de alguma ansiedade. (Salústio, 1998, p. 17).

Da passagem citada, vale observar a forma como a mentalidade animista se manifesta, uma vez que o espaço dá sinais claros de rejeição aos estrangeiros, agindo, desse modo, como um ser portador de sentimento e razão. Ao tratarmos da formação ética ambiental no romance de Salústio, é importante citar a passagem em que a cidade de Serrano é destruída devido ao rompimento da barragem:

Dizia-se que a barragem tinha comido, além da terra, todos os indivíduos, homens e mulheres que um dia saíram das furnas onde se tinham escondido para não abandonar a aldeia, e como se movidos por um desejo único, comandados pela parteira que iniciou Jerónimo, puseram-se de pé olhando a gigantesca obra, tentando perceber o outro lado do seu destino e foi aí que se deu o funesto acontecimento que os jornais econômicos da região chamaram de desastre financeiro do século. (Salústio, 1998, p. 191).

É possível interpretar essa tragédia, ou crime ambiental, como uma releitura da história bíblica de Noé, uma vez que mostra que uma sociedade corrompida precisa ser reinventada. Desse modo, entendemos que a voz narrativa, ao relatar a destruição da cidade pelas águas, aponta para um necessário retorno a formas mais simples e equilibradas de convivência entre os seres.

Citamos a construção de símbolos do feminino e o uso da ironia e do humor como estratégias textuais de resistência. Já em relação à forma como a resistência se realiza no tema, é possível reconhecer, ainda na passagem supracitada, críticas direcionadas a antivalores, como o “consumismo” e a “exploração” ambiental, atrelados à ideia de modernidade e ao sistema capitalista industrial. Destarte, o romance salustiano se constitui como um meio de conscientização dos leitores acerca da importância de se considerar outras formas de saberes, além dos institucionalizados pelos aparelhos ideológicos hegemônicos.

Reconhecemos a perspectiva animista africana como uma proposta atrelada ao conceito do “Viver-em-Relação”, o qual propõe a construção de relações não-hierárquicas e não dicotômicas com o fim de restabelecer a harmonia social e ambiental. Sobre esse conceito, a estudiosa Mburu declara:

O que é importante para nós não é tanto o ponto de vista individual, mas a saúde geral da comunidade, pois as pessoas aprendem a viver juntas em harmonia. O individualista é

visto com grande desconfiança. Em algumas culturas africanas, a palavra usada para “individualistas” enfatiza seu egoísmo e significa que tais pessoas provavelmente acabarão como bruxas ou bruxos! O que, então, melhor descreve nosso estilo de vida africano? É a “existência-em-relação”. Em outras palavras, espera-se que os indivíduos mantenham um equilíbrio em todas as suas relações. Isto é importante porque, como observado anteriormente, na visão tradicional de mundo africana, as relações horizontais tinham que ser estabelecidas antes que a relação vertical com o Ser Supremo e outras divindades e espíritos pudessem ter efeito. (Mburu, 2023, p. 55).

Segundo os estudiosos Nei Lopes e Antônio Simas, a Força Vital está presente em todos os seres. No entanto, alguns a possuem com maior intensidade, e isso os torna seres mais felizes, uma vez que estão em harmonia com o universo. O adoecer resultaria da diminuição da Força Vital. Sendo assim, para conseguir se curar, o ser adoecido necessitaria restabelecer o equilíbrio dessa força e, conseqüentemente, a harmonia com os outros seres do universo. Daí a ideia de que a cura deve ser buscada através dos ancestrais:

Acima de tudo está o Ser Supremo, Incriado e Preexistente. Ele é a Força por si mesma e a origem de toda a energia vital. Depois, vêm os primeiros ancestrais dos seres humanos, os fundadores dos diferentes clãs, que são os mais próximos intermediários entre os humanos e o Ser Supremo. Após esses fundadores, estão os mortos ilustres de cada grupo, por ordem de primogenitura. Eles são os elos da cadeia que transmite a Força Vital dos primeiros antepassados até os viventes. E estes, por sua vez, estão hierarquizados, de acordo com sua maior ou menor proximidade, em parentesco, com os antepassados e, conseqüentemente, segundo sua Força Vital. (Lopes & Simas, 2021, p. 27-28).

De acordo com o conceito de Força Vital, há no universo uma energia compartilhada por todos os seres, humanos e não humanos. Para os africanos, os seres humanos podem se influenciar mutuamente e podem também, respeitando a posição hierárquica, influenciar animais e vegetais. Isso se deve às inter-relações que os unem através do compartilhamento dinâmico e constante de energias:

Como todas as forças estão inter-relacionadas, exercendo interações que obedecem a leis determinadas, um ser humano pode diminuir outro em sua Força Vital. A resistência a esse tipo de ação só é obtida por meio do esforço da própria potência, recorrendo-se a outra influência vital. A Força Vital humana pode influenciar diretamente animais, vegetais ou minerais. (Lopes & Simas, 2021, p. 28).

A partir da observação desses conceitos, podemos concluir que o compartilhamento de vozes e saberes, a cura pelo grupo, a importância dada ao bem-estar social, as interações entre todos os seres, humanos e não humanos, constituem o modo animista de os povos africanos perspectivarem a realidade. Entendemos que as obras literárias africanas se apresentam como uma importante via de acesso a esses saberes, daí a necessidade de consultá-las a fim de se entender, através dos “modos de narrar” de seus autores e autoras, como as estratégias de resistência aos valores exógenos, que causam desequilíbrio e adoecimento, manifestam-se nos espaços africanos. Tais obras também possibilitam o acesso a uma melhor compreensão acerca das propostas de vivências sustentáveis nesses espaços.

## Conclusão

Para que o relacionamento entre seres humanos e ambiente seja equilibrado, não se pode enxergar a Terra como um “corpo-recurso”, capaz de se renovar de forma ilimitada e de suportar indefinidamente as mais diversas formas de exploração. A Terra, segundo Mbembe, deve ser

considerada como um “corpo vivente”, do qual todos nós fazemos parte e pelo qual todos somos responsáveis:

Assim sendo, e na perspectiva da derradeira utopia, a de uma possível comunidade terrestre, a questão decisiva é a de saber como articular uma *democracia* do vivente que tomaria a *multiplicidade* e a *durabilidade* como pontos de partida de um novo projecto de libertação, já não do sujeito humano por si só, mas do sujeito vivente em toda a sua extensão. Uma tal política seria necessariamente fundada no em-comum. O seu palco não seria apenas um palco humano, mas um palco alargado, no seio de uma história que seria ao mesmo tempo social, tecnológica, geológica, celular e molecular. (Mbembe, 2024, p. 178 - grifos do autor).

Destarte, urge considerar “outras razões” e buscar instrumentais que validem formas diversificadas de perspectivar a realidade. Por isso, obras literárias que denunciem explorações, despertem criticidades e viabilizem mudanças de olhares se tornam um material de grande relevância no contexto sociocultural da atualidade.

Vimos que o romance *A Louca de Serrano*, de Dina Salústio, faz uso de construções animistas que apresentam os seres como portadores de Força Vital. Isso se comprova pela forma como os elementos naturais reagem ao serem desafiados: o rio que evoca o nome de Gremiana, a montanha que manifesta sentimentos e emoções, a porta que cresce e decresce, a represa que arrebenta para vingar os crimes dos homens de Serrano, etc. Buscamos, em nossa pesquisa, analisar o modo como a resistência a valores exógenos, relacionados ao capitalismo industrial, apresenta-se no romance, tanto na forma, através da criação de símbolos, das interações espaço e personagens e do uso da ironia e do humor; como no tema, pela abordagem de valores e antivalores.

Após as análises apresentadas, concluímos que os romances pós-coloniais africanos são vias de acesso a novas formas de conhecimentos e que, por isso, constituem-se como um rico material a ser utilizado para o despertar crítico do leitor. Sendo assim, é importante que leitores e leitoras deem uma atenção especial ao modo como o animismo é abordado nessas obras - e como esse modo de narrar e de se relacionar com a realidade se afirma como uma marca de resistência aos discursos de poder. O ideal é que, além dos aspectos literários, educadores e interessados em questões ambientais destaquem, em suas abordagens, os conceitos de Animismo Africano, Força Vital e “Viver-em-relação”, como possíveis caminhos de “devires” mais positivos para o planeta.

## Referências

- ALVES, Roberta Maria Ferreira. A Literatura de Cabo Verde. Literafro - O portal da literatura Afro-Brasileira. Belo Horizonte, s/d. <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/literafricas/literatura-cabo-verdiana/1558-a-literatura-de-cabo-verde-roberta-maria-ferreira-alves>. Acesso em 01.11.2024
- BOSI, Alfredo. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CHEVALIER, Jean; Gueerbrant, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. Vera da Costa e Silva...[et al]. 38ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2023.
- GARUBA, Harry. Reflexões provisórias sobre animismo, modernismo/colonialismo e a ordem africana do conhecimento. Cadernos Cespuc, número 32, 2018.
- LOPES, Nei; Simas, Luiz Antonio. *Filosofias Africanas*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- MBEMBE, Achille. *A comunidade terrestre*. Trad. José Mário Silva. Lisboa: Antígona Editores, 2024.
- MBURU, Elizabeth. *Hermenêutica Africana: contribuições da riqueza intelectual e cultural da África para o entendimento da fé cristã*. Trad. Antônio Oliveira Dju. São Paulo: Hagnos; Quitanda, 2023.
- PARADISO, Silvio Ruiz. O realismo animista e as literaturas africanas: gênese e percursos. Revista Interfaces. Vol. 11, número 2, 2020.
- PARADISO, Silvio Ruiz. Metamorfoses decoloniais: o inconsciente animista e transmutações como cosmovisão nas literaturas africanas. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 1-27, jan./mar, 2024.
- RODRIGUES, Eni Alves. Considerações sobre o realismo animista a partir da leitura do conto ‘A morte do velho Kipacaça’, de Boaventura Cardoso. Cadernos Cespuc. Número 32, 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/17047-Texto%20do%20artigo-61861-1-10-20180412.pdf>
- SALÚSTIO, Dina. *A Louca de Serrano*. São Vicente: Spleen Edições, 1998.

---

**Autor(a) para correspondência / Corresponding author:** Francisca Patrícia Pompeu Brasil. [pbrasil\\_1@hotmail.com](mailto:pbrasil_1@hotmail.com)